

A GEOGRAFIA FRANCESA E A GERAÇÃO DOS ANOS SETENTA (*)

AROLDO DE AZEVEDO

Recuemos no tempo. Transportemo-nos para a França da década de 1870: a derrota de Napoleão III e o final inglório da Guerra contra a Prússia; a humilhante proclamação do Império da Alemanha, na própria cidade de Paris; a inaceitável perda da Alsácia e da Lorena; o curto mas horrível domínio da "Comuna"; os dias incertos da Terceira República.

Nessa França amargurada e espezinhada, no ano de 1876, o livreiro J. Hetzel, de Paris, entregou ao público uma *Géographie Illustrée de la France et de ses Colonies*, grosso volume de 775 páginas, em grande formato, enriquecido por muitos mapas e por belíssimas gravuras a traço. Seu autor?... JULES VERNE, então com 48 anos de idade.

Sim, é isto mesmo. Exatamente o escritor JÚLIO VERNE, de todos conhecido, delícia de inúmeras gerações, o gênio fabuloso e inventivo que escreveu "Cinco semanas em balão", "Viagem ao centro da Terra", "Da Terra à Lua", "Miguel Strogoff", "Aventuras de três Russos e de três Ingleses na África do Sul", as "Atribulações de um Chinês na China", "A volta ao Mundo em Oitenta Dias" e tantos outros romances de aventura, nos quais a Geografia estava quase sempre presente.

Quando JULES VERNE publicou sua "Geografia Ilustrada da França e de suas Colônias", 17 anos haviam decorrido da morte dos dois grandes mestres da Geografia alemã — ALEXANDRE VON HUMBOLDT e CARL RITTER, ambos falecidos em 1859 e apontados como pioneiros da Geografia moderna.

No entanto — é triste constatar — esse livro não-romanceado pode ser considerado o pior de todos quantos escreveu JÚLIO VERNE. Basta acentuar que o estudo geográfico da França foi realizado por

(*) Entregue para publicação em outubro de 1974.

departamentos, não grupados em regiões, mas em ordem alfabética: Ain, Aisne, Allier, Alpes-Basses... Mayenne, Meurthe-et-Moselle, Meuse... Vosges, Yonne. Não é só. Vejamos o que o romancista "doublé" de geógrafo abordava em cada departamento. Tomemos como exemplo o das Bouches-du-Rhone, onde fica a cidade de Marseille: situação, limites, aspecto geral, orografia, hidrografia, clima, superfície, população, minas e pedreiras, indústria, estradas, canais, homens célebres, divisões administrativas, descrição das cidades.

Em duas palavras: há um século, um grosso e caprichado volume de Geografia foi escrito e publicado em França, nos moldes do mais puro estilo descritivo, enumerativo.

Por conseguinte, não é de admirar que o mesmo estilo ainda vigorasse em nosso país há uns 50 ou 40 anos atrás; neste Brasil onde, ainda hoje, infelizmente, as "novidades" didáticas costumam chegar com lamentável atraso — como a da transformação da Geografia e da História em *Estudos Sociais*, idéia posta em prática e depois repelida nos Estados Unidos, após amarga experiência, pelo menos desde o ano de 1960.

O fato serve para confirmar a assertiva de observadores cultos, brasileiros, de que o Brasil está distanciado de cerca de 40 ou 50 anos em relação a países como os Estados Unidos, a França ou a Grã-Bretanha, pelo menos no que se refere a certos assuntos ou problemas. Trata-se de um ponto-de-vista, de uma "tese", e, como tal, discutível.

Em 1883, a Livraria Delagrave, sob o patrocínio do Instituto Geográfico de Paris, publicou um pequeno livro, sem ilustrações, com 304 páginas, intitulado — *La Terre — Géographie Physique et Économique*. Seu autor tinha 38 anos de idade e era "maitre-de-conférences" na Escola Normal Superior, de Paris. Chamava-se, simplesmente: VIDAL DE LA BLACHE.

O livro iniciava-se pelo estudo de *O globo* (Forma e dimensões da Terra, Movimentos da Terra, Grandes divisões do Globo). E prosseguia analisando: *As terras* (Relevo do solo, Costas, Composição do Solo); *Os mares*; *A circulação* (Correntes da atmosfera e do mar, Clima, Chuvas, Desertos, Fontes, rios, lagos, geleiras); *Os produtos naturais* (Vegetação, Mundo animal, Riquezas minerais). E encerrava-se com uma *História sumária das descobertas*.

Modestamente, obscuramente, no ano de 1883 apresentou-se como autor de um livro didático o "mestre-de-conferências" VIDAL DE

LA BLACHE. Quem poderia prever, lendo um livro de conteúdo nada “revolucionário”, quase feito nos velhos moldes — que seu autor se tornaria, decorridos apenas 20 anos, o famoso e respeitado Mestre PAUL VIDAL DE LA BLACHE? . . .

Assim é a vida. E belas são as vidas que se iniciam, como a do grande Mestre francês — modestamente, alteando-se a pouco e pouco, até atingir culminâncias imprevisíveis, unicamente pelo trabalho honesto, diuturno, incansável.

Também sem grandes estardalhões, lentamente, evoluiu a Geografia entre os franceses — ainda hoje considerados entre os maiores, na ciência geográfica.

É isto, exatamente, que pretendemos demonstrar neste desprezioso trabalho, prova de gratidão e de filial homenagem à Geografia que se irradiou da França e que, no Brasil, deixou marcas indeléveis. Marcas indeléveis como a que estamos, neste ano, comemorando: a *Associação dos Geógrafos Brasileiros*, ao ensejo de seu quadragésimo aniversário.

O século XIX foi um século agitado, não somente pelos acontecimentos políticos e pelas guerras que abalaram o Mundo, como também pelas agitações sociais registradas notadamente na Europa.

Se a Revolução Industrial e os progressos técnicos vieram abrir novos horizontes para a Humanidade, uma grande parcela do povo europeu passou a sofrer mais, como os operários das fábricas — onde homens, mulheres, até adolescentes trabalhavam em condições desumanas, mal remunerados, com longas jornadas de trabalho. Enquanto uns poucos se enriqueciam exageradamente, a maioria vivia na miséria, em sórdidas moradias, principalmente nas cidades e nos bairros industriais. Foi então que a *questão social* começou a assumir aspectos cada vez mais graves. Vieram as revoluções de 1848, o “Manifesto Comunista” de MARX e ENGELS, a “Comuna” de Paris no ano de 1871 (acompanhada por tantas violências), a primeira “Associação Internacional de Trabalhadores”.

De maneira especial em França, tais fatos repercutiram na Geografia, se bem que, em geral, de maneira indireta. É a verdade é que, até hoje, as injustiças sociais ferem a sensibilidade de muitos geógrafos, mais do que a de outros especialistas. Fato que facilmente se explica porque, nas pesquisas em trabalhos de campo, podem os geógrafos ver melhor, sentir em maior profundidade, sofrer na carne os contrastes existentes.

Em França, coube a FRÉDERIC LEPLAY, que viveu de 1806 até 1882, dar nascimento a essa *Geografia Social*. Mais sociólogo do que geógrafo, realizou detalhadas observações a respeito das condições sócio-econômicas da Europa e da Ásia, nos mais diferentes tipos de comunidades. Tomando por base os orçamentos familiares, acumulou valiosas informações a respeito do modo de vida de 300 famílias francesas — do que resultou uma obra em seis volumes, publicada em 1855, sob o título de *Ouvriers Européens*. Focalizou especialmente as atividades primárias da população, as áreas rurais e os tipos de trabalho, intimamente dependentes da organização social e das necessidades dos grupos humanos; e acentuou a interdependência desses aspectos com os vários meios naturais. Exatamente neste ponto foi que, insensivelmente, penetrou no campo da Geografia, ao mesmo tempo que nos da Antropologia e da Economia.

Para LEPLAY, o *trabalho* era o produto de contatos humanos e o *meio* imediato seria um produto do esforço humano.

Tais idéias tiveram larga repercussão em França durante um certo lapso de tempo, passando a ser defendidas e divulgadas por uma revista mensal — *La Science Social*, dirigida por EDMOND DEMOLINS.

Entre os mais notáveis discípulos de FRÉDERIC LEPLAY, dois se destacaram: HENRI DE TOURVILLE e EDMOND DEMOLINS. Coube a este dar início à publicação de uma coleção, que tinha como título *Les grandes Routes des Peuples*, e como subtítulo *Essai de Géographie Sociale*.

Sem indicação de data, o livro de EDMOND DEMOLINS deve remontar à primeira década do século XX. Foi publicado em Paris pelo livreiro Firmin-Didot e intitulou-se *Comment la Route crée le type social*.

Tudo parece indicar que foi entregue ao público apenas o volume I, referente às *Estradas da Antiguidade*, em que o autor abordou quatro temas: 1. Os tipos sem história (povos das estepes, os tártaro-mongóis, invasões dos pastores, povos das tundras e das savanas, lapões-esquimós e peles-vermelhas, povos das florestas: índios e negros); 2. Os tipos antigos do Oriente (árabes, saarianos, assírios e egípcios, chineses, japoneses, hindus); 3. Os tipos antigos do Ocidente: o caminho dos Grandes Impérios do Mediterrâneo (cólquidos e pelasgos, fenícios e cartagineses, venezianos, albaneses e helenos, gregos e romanos).

Como se vê por este rápido sumário, o volume abordava temas de real interesse, em que a História e a Geografia apareciam entrela-

çadas; se publicado hoje, certamente causaria enorme sucesso entre os partidários da fusão, defensores dos *Estudos Sociais*. É o caso de se repetir o brocardo mais que milenar: "Nihil sub sole novum"...

Não conhecemos o volume II e acreditamos que não chegou a ser publicado. Seu objeto seria *As estradas dos Tempos Modernos*.

A propósito dessa *Geografia Social*, fundamentada nas idéias de FRÉDÉRIC LEPLAY e estimulada por EDMOND DEMOLINS, reina um gélido e impressionante silêncio entre os geógrafos franceses e os historiógrafos da Geografia da França. Por que?...

Uma das razões parece-nos certa: os discípulos de LEPLAY principalmente DEMOLINS, exageraram as conclusões do mestre, ultrapassaram-nas, ao insistir na rígida dependência da organização social em relação às condições naturais, defendendo idéias mais avançadas do que as do *Determinismo* de FRIEDRICH RATZEL e de seus antropogeógrafos. E essa defesa, repleta de dogmatismo, era feita em plena França, no exato momento em que o *Possibilismo* de VIDAL DE LA BLACHE e seus seguidores enchia de entusiasmo os geógrafos franceses.

Os que nos estão honrando com sua atenção notaram, certamente, que ainda não fizemos referência à chamada *Escola Francesa de Geografia*, de tanta importância mundial e que tamanha influência exerceu sobre os geógrafos brasileiros.

Estamos focalizando, por enquanto, uma *fase de transição*, um alvorecer da Geografia, com seu característico lusco-fusco. Alvorecer que começa a se dissipar na segunda metade do século XIX e a corporificar-se com ÉLIE DE BEAUMONT, criador de uma teoria sobre a formação das montanhas, no ano de 1852; com CAMILLE FLAMMARION, que soube vulgarizar a Astronomia e contribuiu para a Geografia com um alentado volume intitulado *L'Atmosphère*, com o subtítulo de *Météorologie Populaire* 808 páginas em grande formato, que a Livraria Hachette publicou em 1888; e, principalmente, com este incansável geógrafo que se chamou ÉLISÉE RECLUS, nascido em 1830 e falecido em 1905.

Positivamente, a Família RECLUS teve muita coisa de original, de incomum: dos cinco irmãos, nascidos entre 1827 e 1847, três se destacaram como geógrafos e pelo menos quatro foram revolucionários e anarquistas.

O mais velho — MICHEL ÉLIE RECLUS — tomou parte na revolução republicana de 1848, pertenceu à "Comuna" de Paris, e,

por isso, foi banido para a Bélgica; escreveu um livro de Etnologia comparada e morreu aos 77 anos de idade, em 1904. O segundo irmão foi ÉLISÉE, que focalizaremos a seguir. O terceiro chamou-se ONÉSIME RECLUS, que preferiu somente dedicar-se à Geografia, viajando muito; faleceu em 1916, aos 79 anos, deixando muitos livros, num estilo pitoresco e cheio de vida: *La Terre à vol d'oiseau*, *La France et ses colonies*, *Le plus beau royaume sous le ciel* (pitoresca Geografia da França), *Lâchons l'Asie, prenons l'Afrique* (em que tratou da expansão colonial francesa) e outros em colaboração com ÉLISÉE: *L'Afrique Australe* e *L'Empire du Millieu* (referente à China imperial); no fim da vida, já setuagenário, dirigiu a publicação da *Nouvelle Géographie Universelle Bong*. O quarto irmão foi ARMAND-ÉLIE-EBENEZER RECLUS, falecido em 1927 com 84 anos, oficial da Marinha francesa, profundo conhecedor da América Central e autor de livros, como *Le Canal interocéanique*, *Panama et Darien* e *Le Canal interocéanique et les explorations de l'isthme américain*. O irmão-caçula — PAUL RECLUS — faleceu em 1914, com 67 anos de idade, exceção entre os demais (todos longevos, setuagenários), médico que se destacou por suas pesquisas científicas.

Sem a menor dúvida, uma Família de homens notáveis.

Todavia, nenhum se destacou tanto e contribuiu de maneira tão grande para a divulgação dos conhecimentos geográficos como JEAN-JACQUES ÉLISÉE RECLUS, que nasceu em 1830, numa pequena localidade do sul da França, Sainte-Foy La Grande, na Gironde; e faleceu em 1905, aos 75 anos de idade, na cidade de Bruges, na Bélgica. Sua obra foi verdadeiramente gigantesca, quase inacreditável para um homem só.

A vida de ÉLISÉE RECLUS foi profundamente agitada, em virtude de suas idéias extremistas. No entanto, conseqüência dessa própria agitação em que viveu, dedicou-se de corpo e alma ao trabalho, em particular à Geografia.

Quem lê suas obras, não pode adivinhar as idéias político-sociais do autor. Escrevendo sempre num estilo elegante e agradável, por vezes chegava às raias da poesia ou demonstrava ser um romântico.

Em 1867, ao prefaciá-la sua obra intitulada *La Terre*, escreveu textualmente:

“O Livro, que hoje aparece, eu comecei ... em plena natureza livre. Era na Irlanda, no topo de uma colina que comanda as

corredeiras do Rio Shannon, suas ilhas tremendo sob a pressão das águas e o negro desfile de árvores, no qual o rio mergulha e desaparece após súbita volta. Estendido na relva, ao lado de um resto de muralha que foi outrora um castelo-forte e que humildes vegetais demoliram pedra por pedra, pude usufruir docemente dessa imensa visão das coisas, que se manifestava pelo jogo da luz e das sombras, pelo fremir das árvores e o murmúrio da água batendo contra as rochas”.

“Foi lá, nesse gracioso sítio, que nasceu em mim a idéia de relatar os fenômenos da Terra; e, sem tardança, esbocei o plano de minha obra. Os raios oblíquos de um Sol de outono douaram as primeiras páginas que escrevi e faziam tremular sobre elas a sombra azulada de um arbusto agitado.

Desde então, não cessei de trabalhar nesta obra, nas diversas regiões até onde o amor pelas viagens e os azares da vida me conduziram”.

Após lembrar que tudo o que escrevera vira com seus próprios olhos, aprendera com a Natureza, assim terminou:

“Posso dizer com o sentimento do dever cumprido: para salvar a nitidez de minha vida e a proibidade de meu pensamento, percorri o Mundo como homem livre, contemplei a Natureza com um olhar ao mesmo tempo cândido e arrogante, lembrando-me de que a antiga Freya era, ao mesmo tempo, a deusa da Terra e da Liberdade”.

Julgamos necessária essa longa citação porque ela retrata com fidelidade o idealismo romântico de RECLUS e talvez possa amenizar a idéia de quem só conheceu os aspectos políticos de sua grande vida.

Por ser republicano, foi obrigado a exilar-se da França em 1851, quando tinha 21 anos. Viajou pela Europa e, depois, dirigiu-se para a América, fixando residência na Colômbia; daí resultaram dois livros: *Autour du Monde* e *Voyage à la Sierra Nevada de Santa Martha*.

De regresso à Europa, filiou-se à “Associação Internacional dos Trabalhadores”, fundada em Londres em 1864 — mais conhecida pelo nome de *Primeira Internacional*; alistou-se na Guarda Nacional e, como membro da Companhia de Aerostatos, tomou parte no cerco de Paris, abraçando definitivamente o partido da *Comuna*, em 1871.

Após a sangrenta resistência dos comunistas, senhores da capital francesa — barricadas nas ruas, incêndio de monumentos e edifícios, fuzilamento do Arcebispo de Paris —, os soldados versalheses de THIERS reconquistaram a capital, em maio de 1871. ÉLISÉE RECLUS foi preso, deportado, banido para a Bélgica. Pouco tempo depois, juntamente com os anarquistas de BAKUNIN, foi expulso da “Primeira Internacional”.

Por essa época, RÉCLUS deu início à publicação de *La Terre — Description des phénomènes de la Vie du Globe* (1874-76), a mesma obra que esboçara na Irlanda, às margens do Shannon.

Feito professor de Geografia da *Universidade Nova*, de Bruxelas, seus livros jorraram como torrentes: a *Nouvelle Géographie Universelle (La Terre et les Hommes)*, cuja publicação durou 19 anos, de 1875 a 1894, exatamente o número de seus volumes, constituídos por mais de 17.000 páginas, em grande formato, fartamente ilustrados; *Les Phénomènes Terrestres*, que data de 1886 e em que estudou os mares e os meteoros; a *Histoire d'un Ruisseau* e a *Histoire d'une Montagne*, livros de divulgação publicados por volta de 1880, no primeiro dos quais ele escreveu:

“A história de um regato, mesmo o que nasce e se perde por entre musgos, é a história do Infinito”.

Seu derradeiro livro intitulou-se *L'Homme et la Terre* em três volumes, uma História feita sobre bases geográficas, um “estudo do Homem na sucessão das idades, tal como observara nas diversas regiões do globo” (as palavras são de RECLUS) “com o objetivo de estabelecer as conclusões sociológicas a que havia chegado”.

No dia 5 de julho de 1905, faleceu repentinamente ÉLISÉE RECLUS. Terminara a obra na Primavera de 1904 e teve a alegria de ver publicados seus primeiros fascículos.

Descansara, finalmente, o gigante — velhinho simpático, de olhos claros, barbas brancas, alva cabeleira leonina.

A verdadeira *Escola Francesa de Geografia* começou a tomar corpo ao findar o século XIX. Seus expoentes pertenceram à geração nascida na década de 1840 e seguintes, particularmente na década de 1870, havendo produzido os melhores trabalhos em plena maturidade, já no século XX. Com raras exceções, faleceram setuagenários e octogenários, após longa, útil e proveitosa existência.

ALBERT DE LAPPARENT, nascido em 1839 e falecido em 1908, encabeça a lista dos grandes geógrafos oriundos da primeira

metade do século XIX. Membro do Instituto de França, professor na Escola Livre de Altos Estudos, foi presidente da comissão central da Sociedade de Geografia de Paris. Sua principal obra, publicada em 1896, intitulou-se *Leçons de Géographie Physique*, nome bastante modesto para um grosso volume de mais de 700 páginas, em que foram abordados 30 importantes temas, entre os quais: as grandes linhas do relevo terrestre, o modelado pelas águas correntes, influência das condições genéticas sobre o relevo (formações eruptivas, glaciais e tectônicas), o ciclo de erosão e o aplainamento final, os ciclos de erosão sucessivos, o modelado de origem subterrânea e causado pelo vento e o mar, resumo dos períodos geológicos, a Paleogeografia. Na segunda parte do livro, estudou tipos regionais de relevo, da Europa, Ásia, África e América. E encerrou o volume com uma referência aos oceanos e à classificação das montanhas. Um grande livro, digno de ser lido até hoje.

Da geração de DE LAPPARENT, embora seis anos mais moço, foi a figura ímpar, exponencial, de PAUL VIDAL DE LA BLACHE, nascido em pequena localidade de remota origem gaulesa — Pézenas (Hérault), no ano de 1845, e falecido na modesta aldeia de Tamaris (Var), não longe da cidade de Toulon, em 1918.

Formado pela Escola Normal, licenciou-se em Letras e sustentou perante a Sorbonne, como de costume, duas teses de Doutorado; tinha então 26 anos de idade. Quatro anos depois, tornou-se “Mestre de Conferências” na Escola Normal Superior, época em que publicou *La Terre*, a que já fizemos referência.

Tinha 54 anos, quando assumiu a cátedra de Geografia na Faculdade de Letras de Paris, em 1899. Por seu ensino e por suas publicações, tornou-se membro da Academia de Ciências Morais e Políticas, do Instituto de França (1906), ao mesmo tempo que, cercado por uma plêiade ilustre de admiradores, transformou-se no Mestre incontestável da Escola Francesa de Geografia.

Após estudar longamente as obras de ALEXANDER VON HUMBOLDT e de CARL RITTER, enfrentou com coragem as idéias deterministas de FRIEDRICH RATZEL, criando uma doutrina nova, a que LUCIEN FEBVRE deu o nome de *Possibilismo* — logo adotado com entusiasmo por seus discípulos.

De sua cátedra na Sorbonne, exerceu até a morte, durante cerca de 20 anos, enorme influência sobre toda uma geração de professores e pesquisadores. Demonstrou a necessidade dos *estudos de síntese*, no campo da Geografia, estimulando, inspirando e dirigindo

enorme série de *monografias regionais*. Bateu-se incansavelmente pelo estudo das *causas e efeitos*, em relação a cada fato geográfico — o *princípio da causalidade* —, ao mesmo tempo que coordenou e estabeleceu os princípios gerais da *Geografia comparada* — o *princípio da analogia*, já sugeridos e defendidos por HUMBOLDT e por RITTER.

Como afirmou um de seus mais ilustres discípulos, “escreveu uma série de artigos, ao mesmo tempo positivos e críticos, num estilo forte, com lampejos, verdadeiros clarões divinatórios, e com que poder de sugestão e de evocação!”.

VIDAL DE LA BLACHE fundou, em 1891, a revista-mestra da Geografia francesa — *Annales de Géographie*, em cuja direção permaneceu até seu falecimento. Publicou inúmeros trabalhos, entre os quais: *États et Nations de l'Europe autour de la France* (1889); o *Tableau de la Géographie de la France* (1903), introdução à “Histoire de la France” de ERNEST LAVISSE; *La France de l'Est* (1917); *Le Bassin de la Sarre* (1919), livro póstumo.

Póstumas também foram suas duas maiores obras, somente elas capazes de honrar a memória de um homem e de toda uma longa vida dedicada à Geografia: os *Principes de Géographie Humaine*, publicados em 1922 e coordenados por EMMANUEL DE MARTONNE, seu genro; e a *Géographie Universelle*, que não contém uma só linha escrita por VIDAL DE LA BLACHE, mas que foi por ele cuidadosamente planejada e que reflete sua genial inspiração. Escolhera os colaboradores e chegou a ler alguns manuscritos. Mas a Primeira Guerra Mundial exigiu uma reestruturação quase total da obra; e a essa tarefa dedicava-se quando, em abril de 1918, aos 73 anos de idade, ainda em pleno vigor intelectual, o grande Mestre morreu subitamente.

Morreu o grande Mestre, o criador do Possibilismo, o chefe incontestável de toda uma “escola” de eminentes geógrafos. Tinha longas barbas brancas, fora sempre distinto no porte, impecável nas maneiras.

Imediatamente, reuniram-se seus discípulos e, sob a direção de LUCIEN GALLOIS, a monumental obra planejada foi levada a cabo. Entre 1927 e 1948, sucederam-se 15 tomos, constituindo 23 volumes em grande formato, fartamente ilustrados, impressionantemente uniformes, como se apenas um autor os houvesse escrito. É que suas 7.600 páginas saíram das mãos de discípulos que souberam honrar a memória do Mestre: ALBERT DEMANGEON, EMMANUEL DE MARTONNE, HENRI BAULIG, MAXIMILIEN SOR-

RE, JULES SION, RAOUL BLANCHARD, FERNAND MAURETTE e outros muitos, a maioria correspondendo à fina-flor da Geografia francesa da primeira metade deste século.

EMMANUEL DE MARTONNE analisou os *Princípios de Geografia Humana*, a obra-mestra de VIDAL DE LA BLACHE. Acentuou “a maneira pela qual o *ponto-de-vista histórico* penetra, domina, inspira o exame, a classificação e a explicação de todos os fatos”. Ninguém antes havia mostrado, no mesmo grau, a preocupação de encarar os fenômenos da Geografia Humana atuais como *estádios* de uma longa evolução. O Mestre os viu, ao mesmo tempo, no passado e no futuro; seu olhar alcançou até o mais longínquo passado. Não recorreu somente à História propriamente dita; remontou à Pré-História, debruçou-se atentamente sobre os povos primitivos — testemunhas de tempos pretéritos, de muitos séculos decorridos. Nas civilizações de tais povos (que nos parecem tão rudimentares), descobriu tudo o que houve de progresso a partir das primeiras idades da Humanidade.

DE MARTONNE escreveu textualmente estas palavras, dignas de meditação pelos geógrafos de hoje:

“Tão elevadas preocupações históricas não impedem o *ponto-de-vista geográfico* de dominar o estudo de todas as questões. É sempre na localização dos tipos, na constatação das relações locais, que terminam as análises.

Os geógrafos, do mesmo modo que os historiadores e os sociólogos, lerão e tornarão a ler com proveito as páginas dos *Princípios*, nas quais VIDAL DE LA BLACHE colocou o mais puro de seu pensamento, fruto de toda uma vida de estudos e de meditações, que se concentravam, cada vez mais, na Geografia Humana”.

Essas páginas focalizaram o sentido e o objeto da Geografia Humana, a repartição dos homens à superfície da Terra, as formas de civilização, a circulação, a formação das etnias, a difusão das invenções, os gêneros de vida e os domínios da civilização, as cidades.

Verdadeiramente notáveis e dignos do Mestre que os orientou, foram numerosos discípulos de PAUL VIDAL DE LA BLACHE. Em particular a geração que poderemos denominar de *Geógrafos dos Anos Setenta*, pois nasceram aproximadamente há um século atrás, numa França agitada e dilacerada por graves acontecimentos mili-

tares, políticos e sociais. Geração que sofreu durante a Primeira Guerra Mundial e cujos expoentes, na maioria, também conheceu os horrores da Segunda Guerra Mundial.

A essa geração de geógrafos dos Anos Setenta, enrijecida pela dureza dos acontecimentos, pertenceram, entre outros: JEAN BRUNHES, ALBERT DEMANGEON, EMMANUEL DE MARTONNE, HENRI BAULIG, RAOUL BLANCHARD, LUCIEN FEBVRE, JULES SION, CAMILLE VALLAUX e MAXIMILIEN SORRE

JEAN BRUNHES foi considerado o mais brilhante dos discípulos de VIDAL DE LA BLACHE. Nasceu em Toulouse no ano de 1869 e faleceu em Boulogne-sur-Seine em 1930, com apenas 61 anos de idade — o mais moço de sua brilhante geração. Licenciado em Letras, passou a lecionar Geografia nas universidades suíças de Freiburg e de Lausanne (1896). E foi exatamente em Lausanne que, em 1907, inaugurou a primeira cadeira de *Geografia Humana* (“Géographie Humaine”), de toda a Europa e da América, substituindo por essa expressão aquela que até então vinha sendo utilizada, criação de RATZEL, a *Antropogeografia* (“Anthropogéographie”).

Era um professor eloqüente e um viajante observador, tendo percorrido a região do Mediterrâneo, o Extremo Oriente e a América do Norte. Seu renome internacional repercutiu, naturalmente, na própria França, onde VIDAL DE LA BLACHE, em 1911, fez-lhe público elogio: acentuou que JEAN BRUNHES (então, com 42 anos) tivera sempre a preocupação de evitar os perigos de sair do campo estrito da Geografia, para isso baseando as observações nos *atos essenciais*, por ele classificados em obra publicada em 1910; considerou-o excelente observador, dotado de um senso estético capaz de aguçar a crítica mais sagaz.

Depois disso, as portas da fama lhe estavam definitivamente abertas. Em 1912, inaugurou a cadeira de Geografia Humana no *Colégio de França*, onde permaneceu até a morte. Em 1927, foi escolhido como membro da Academia de Ciências Morais e Políticas do *Instituto de França*.

Em 1902 publicou suas teses de Doutorado: a principal focalizando *A irrigação* — suas condições geográficas, modos e organização na Península Ibérica e na África do Norte; a tese complementar, como era de praxe escrita em latim — *De vorticum opera, seu quo modo et quatenus aquae currentes per vortices circumlatae ad terram excedam operam navent*, em que estudou o trabalho das águas correntes e a ação dos turbilhões. Em seguida, colaborou na *Geografia Humana de França*, da coleção dirigida por GABRIEL

HANNOTAUX — a *Histoire de la Nation Française* — cabendo a JEAN BRUNHES a tarefa de escrever os dois primeiros volumes: *Géographie Générale et Géographie Régionale* (1920) e *Géographie Politique et Géographie du Travail* (1926), este último com a colaboração de PIERRE DEFFONTAINES, seu discípulo amado.

Em 1921, em colaboração com CAMILLE VALLAUX publicou a *Géographie de l'Histoire — Géographie de la Paix et de la Guerre, sur terre et sur mer*, obra de Geografia Política. Da mesma natureza foi outra, que teve igual fama — *Le Monde Nouveau — Tableau générale de la Géographie Politique Universelle* (1928), uma adaptação francesa de *The New World*, escrito por ISAAH BOWMAN. Em 1930, publicou *Races*, em colaboração com sua filha MARIEL JEAN-BRUNHES DELAMARRE; e, preocupado com o ensino, ainda escreveu livros didáticos e organizou cartas-murais.

Todavia, a obra-mestra de JEAN BRUNHES veio a lume em 1910 e teve por título *La Géographie Humaine*, composta de três volumes, que MARIEL DELAMARRE e DEFFONTAINES revisaram após a morte do Mestre, em 1930. O volume I estuda *Os fatos essenciais agrupados e classificados*, seguidos de princípios e exemplos; após conceituar a Geografia Humana e mostrar suas relações com a Geografia Física, focaliza os fatos de *ocupação improdutiva do solo* (habitações e caminhos), os fatos de *conquista vegetal e animal* (agricultura e pastoreio) e os fatos de *ocupação destrutiva* (devastações da flora e da fauna, explorações minerais). O volume II é constituído por uma série de *Monografias* (dentro do espírito de VIDAL DE LA BLACHE): “ilhas” do deserto, “ilhas” humanas dos Andes, uma “ilha” excepcional dos Alpes, etc.; e termina com uma série de *conceitos* referentes à Geografia Regional, à Etnografia, à Geografia Econômica e Social, à Geografia da História, ao “espírito geográfico”. Já o volume III é constituído inteiramente por *ilustrações fotográficas*, devidamente legendadas.

São palavras de EMMANUEL DE MARTONNE:

“Pela sua atividade multiforme, pelo seu interesse por todas as questões físicas, humanas, sociais, pelo seu anseio de vulgarização e de ensino, JEAN BRUNHES diferencia-se da maior parte dos geógrafos de sua geração, porque nunca foi um sábio isolado na sua torre de marfim”.

ISAAH BOWMAN, que traduziu *La Géographie Humaine* para a língua inglesa, considerou-a uma “obra de utilidade incal-

culável, obra de Mestre para os estudantes já iniciados nos estudos antropogeográficos” e, ao traduzi-la, assim agiu porque compreendeu que a *mensagem* nela contida deveria atingir o maior círculo possível de homens cultos.

Por ter vivido muitos anos na Suíça, “onde cada vale conserva a autonomia e a sua maneira própria de resolver os problemas da existência”, aconselhou vivamente a elaboração de *monografias regionais*, dando ele próprio magníficos exemplos.

VIDAL DE LA BLACHE orgulhou-se do discípulo escrevendo:

“O que mais impressiona na obra de BRUNHES — obra de incontestável valor didático, o que é notável e raro — consiste em estar o autor presente em cada página do volumoso trabalho e de não haver se “afogado” sob o peso do material que acumulou. A obra se mostra com o sentido da Natureza, a cujos detalhes, a vivacidade de impressões, as tendências generosas que, sem fatigar a atenção, excitam a justa simpatia do leitor”.

ALBERT DEMANGEON nasceu na Lorraine em 1872, de modesta origem, filho de camponeses. Talvez por isso mesmo — como o retratou DE MARTONNE — possuía “um temperamento de trabalhador, duro para valer, do mais claro bom-senso, simpatia e retidão”, características que as fotografias atestam com muita fidelidade, mostrando-o como um homem comum, simples no trajar, típico representante da classe média, com ares de funcionário público de mediana categoria.

No entanto, esse filho de modestos camponeses, atraído pelas idéias de VIDAL DE LA BLACHE, licenciou-se em Geografia e História com apenas 23 anos de idade (1895) e passou a publicar trabalhos a partir de 1902 até seu falecimento em Paris, no ano de 1940, durante a ocupação dos alemães, “numa hora das mais trágicas” — conforme observou DE MARTONNE, seu biógrafo, companheiro e amigo — “isolado da família, dos amigos, colegas e alunos, quando dava os últimos retoques na *Géographie Économique de la France*, coroamento de sua obra”, tomo VI, em dois volumes, da monumental *Géographie Universelle* de VIDAL DE LA BLACHE e LUCIEN GALLOIS.

Sua tese de Doutorado — *La Plaine Picarde* (1905) foi publicada no mesmo ano sob o título de *La Picardie et les régions voisines*.

O ano de 1907 — tinha DEMANGEON, então, 35 anos, — foi dos mais frutuosos pelo número de estudos publicados, desta-

cando-se o *Dictionnaire de Géographie*, com vários colaboradores, entre os quais JULES SION. Realizou pesquisas na África do Sul, na Escócia, na Irlanda, na Inglaterra, na Bulgária, nos Alpes, no Egito, na Alemanha e, naturalmente, na própria França. Em sua brilhante carreira universitária — era um “didata por excelência, sempre preocupado em simplificar as coisas” —, iniciada na Universidade de Lille, obteve o merecido prêmio de tornar-se professor da Sorbonne, em 1911.

Como especialista na Geografia britânica, publicou inúmeros estudos, entre os quais: *L'Empire Britannique — Étude de géographie coloniale* (1923) e *Les Iles Britanniques* (1927), tomo I da “Geografia Universal” de LA BLACHE e GALLOIS. No mesmo ano, publicou *Belgique, Pays Bas, Luxembourg*, tomo II da mesma coleção. Póstumos — como já ficou dito — foram dois volumes do tomo VI da grande “Geografia Universal” — *La France Économique et Humaine* (1946-48).

Escreveu também: *Le rail et la route* (1930), a modelar síntese *Paris — la ville et sa banlieu* (1933), *Le Rhin* (1935), *Les maisons des hommes — De la hutte au gratte-ciel* (1937), em colaboração com A. WEILER.

No entanto, a obra capital de ALBERT DEMANGEON foi *Problèmes de Géographie Humaine*, carinhosamente publicada sob as vistas de EMMANUEL DE MARTONNE, na década de 1940. Na primeira parte, definiu a Geografia Humana, tratou da superpopulação, de problemas econômicos e do habitat rural. Na segunda parte, estudou a vida humana na montanha do Limousin, a habitação rural na França, as relações comerciais entre o norte da França e a América, Duluth — as minas de ferro e a expansão urbana, a vida rural no Egito, as pescarias e portos pesqueiros do Mar do Norte, a colonização no vale do Níger.

Em seus estudos a respeito do habitat, mostrou que não bastava definir e classificar os *tipos ruraux* de acordo com os materiais utilizados nas habitações, mas também era preciso levar em conta o plano interno, as relações com as atividades agrárias, a concentração e a dispersão. Ao dedicar-se à Geografia Humana geral, utilizou largamente as *fontes históricas*; segundo DE MARTONNE, “foi o primeiro a dar o exemplo de esclarecer o presente pelo passado”. Quando faleceu, aos 68 anos de idade, deixou atrás de si uma longa vida de “trabalho alegre, ordenado e fecundo”.

EMMANUEL DE MARTONNE tinha estatura mediana, longos bigodes, barba grisalha mesmo quando já em avançada idade,

postura sempre erecta e digna, autoritário na aparência, mas amável no trato. Ao dar uma aula, sua atividade se desdobrava, sempre ativo, e suas preleções eram de uma clareza meridiana. Era o didata perfeito, o professor no mais alto sentido da palavra: utilizava largamente a projeção de diapositivos e, principalmente, manejava o giz sobre o quadro-negro com a mestria de um artista consumado. Quando desenhava um bloco-diagrama (cujo uso tanto apreciava), procurando representar um relevo granítico ou um relevo calcáreo, a erosão regressiva de um rio, uma captura fluvial ou a evolução de terraços fluviais, as etapas do ciclo vital dos rios — seus alunos assistiam, maravilhados, a verdadeiro “milagre”, pois, lançando mão do apagador e do giz, a paisagem desenhada ia aos poucos se modificando como por encanto, num prodígio de técnica artística.

Faleceu aos 82 anos, em 1955. Havia nascido em 1873 numa pequena localidade de Indre — Chabris, na qual a Idade Média está presente pelos monumentos que deixou.

Licenciou-se, no início de nosso século, pela Escola Normal Superior de Paris e viajou demoradamente pela Romênia, Iugoslávia e Polônia. Dessa permanência nos Bálcãs, resultaram suas teses de Doutorado: *La Valachie — Essai de monographie géographique* e *L'évolution morphologique des Alpes de Transylvanie* (1906), ambas premiadas pela Academia Francesa. Tornou-se, depois, professor de Geografia nas Faculdades de Letras de Rennes, Lyon e Paris, onde passou a trabalhar na Escola Prática de Altos Estudos.

Quando se encontrava em Lyon, publicou o *Traité de Géographie Physique* (1909), que o levaria a ensinar em Paris e haveria de consagrá-lo, em definitivo, como Mestre incontestável da Geografia Física. Depois de cuidadosamente revista em 1934, esta obra — desde logo universalmente aceita como o melhor tratado sobre o assunto — passou a constituir-se de três grossos volumes: o tomo I, que trata da evolução da Geografia, da forma e situação cósmica da Terra, da representação da esfera terrestre, da diferença entre Geofísica e Geografia Física, mas que focaliza principalmente o *Clima* e a *Hidrografia*; o tomo II — todo ele — é consagrado ao *Relevo* terrestre, ponto-alto da obra; e o tomo III refere-se à *Bio-geografia*, tendo recebido a colaboração de CHEVALIER e CUENOT. Para torná-la mais acessível, publicou em 1922 o primoroso *Abregé de Géographie Physique*, síntese realmente admirável.

Entretanto, DE MARTONNE não foi somente o grande Mestre da Geografia Física. Com carinho verdadeiramente filial preparou a edição póstuma dos *Principes de Géographie Humaine* (1921),

de VIDAL DE LA BLACHE. Demonstrou sua competência como geógrafo em estudos de caráter regional, como: *Les régions géographiques de la France* (1922), *Les Alpes* (1926) e *L'Europe Centrale* (1930-31), tomo IV, em dois volumes da "Geografia Universal" de LA BLACHE e GALLOIS, para a qual também escreveu, já então dentro de sua especialidade, *La France Physique* (1947), primeiro volume do tomo VI.

Embora preparada desde 1917, somente em 1948 publicou a *Géographie Aérienne*, em que estuda a Geografia da atmosfera e, especialmente, a Cartografia, a Fisiografia e a Circulação aéreas. Além da Europa danubiana e balcânica (de que se tornou especialista, havendo colaborado na determinação das fronteiras dos novos países surgidos após a Primeira Guerra Mundial), percorreu de costa-a-costa os Estados Unidos e viajou através da América do Sul, estudando particularmente as regiões áridas e endorreicas dos Andes.

Dirigiu os *Annales de Géographie*, a mais autorizada revista geográfica da França, que VIDAL DE LA BLACHE fundara. Foi Diretor do *Instituto de Geografia* da Universidade de Paris (a partir de 1927) e Presidente de Honra da *União Geográfica Internacional*, eleito no Congresso Internacional reunido em Lisboa (1949). Fundou a *Association des Géographes Français*.

Em recente e magistral estudo crítico, ORLANDO RIBEIRO considerou EMMANUEL DE MARTONNE "um dos maiores geógrafos de todos os tempos, um homem que se apagou lentamente sob o fulgor de uma obra imperecível". Acentua que o gênero dos trabalhos que elaborou e nos quais ressaltou a interação do elemento natural e do elemento humano, vem sendo "hoje olhado com um desdém, onde há mais desconhecimento, desejo de novidade e falta de coragem intelectual do que qualquer reserva metodológica válida". Referindo-se ao *Traité de Géographie Physique*, ORLANDO RIBEIRO reconhece que está desatualizado em muitos pontos, mas que não tem equivalente na bibliografia contemporânea; "é um livro de consulta indispensável para conhecer o desenvolvimento das idéias em todos os ramos da Geografia Física"; poucas obras exerceram tão grande influência e "como as grandes criações científicas de todos os tempos, a luz que derramou não mais se apagará".

JEAN DRESCH fez-lhe um retrato muito fiel: "Sua acolhida era fria, sua palavra medida, sua barba um pouco inquietante. Era um tímido, pouco expansivo, incapaz de provocar confidências". E observou:

“Se bem que os homens e suas obras sejam bem depressa esquecidas, porque as ciências não cessam de evoluir, os discípulos de DE MARTONNE e toda a geração formada entre as duas Grandes Guerras podem atestar a influência por ele exercida e que as gerações mais jovens costumam a compreender”.

De sua parte, JEAN DEMANGEOT teve a coragem de escrever:

“Se novos caminhos se abrem para a Geografia atual, as bases martonnianas continuam fundamentais: elas sustentam a Geografia Física da mesma maneira que a trama sustenta o tecido. Por que não reconhecer isso?...”

O nome de EMMANUEL DE MARTONNE acha-se indelevelmente ligado ao Brasil, quer por um magnífico e aprofundado estudo — *Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico* (1940), quer por haver ensinado na *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras* da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1937, em colaboração com PIERRE MONBEIG, então responsável pela cátedra-única de Geografia. Deu aulas, proferiu conferências, realizou excursões.

Antes de regressar à França, apresentou precioso Relatório à direção da Faculdade, em que figura verdadeira *mensagem* aos geógrafos brasileiros, ainda implumes em 1937, mas muito válida até hoje:

“As pesquisas em *trabalhos de campo* são consideradas o complemento indispensável do ensino. Permitem ao professor enriquecer seu curso, utilizando observações pessoais.

Nas que aqui realizei, permitiram-me demonstrar aos alunos, por inúmeras vezes, as leis gerais da Geografia Física através de exemplos escolhidos no próprio país, evocando-lhes nomes e aspectos que lhes eram familiares. Permitiram-me, ainda, fixar um certo número de fatos importantes para a compreensão do relevo brasileiro. Tais aquisições científicas serão expostas em notas e artigos, que preparei e publicarei no meu regresso à França.

“A multiplicação das *excursões geográficas* deve ser considerada um ideal, de que será preciso aproximar cada vez mais, à medida que a Faculdade venha a desenvolver-se, e para o qual se deve caminhar o mais depressa possível”.

HENRI BAULIG faleceu em 1962, com 85 anos de idade. Parcela substancial dessa longa vida dedicou à Universidade de Strasbourg,

na Alsácia. Notabilizou-se como geomorfólogo, publicando em 1956 precioso *Vocabulaire Franco-Anglo-Allemand de Géomorphologie*. Antes deste trabalho, publicara dois importantes volumes a respeito da *Amérique Septentrionale* (1935-36), correspondentes ao tomo XIII da "Geografia Universal" de LA BLACHE e GALLOIS.

RAOUL BLANCHARD, nascido em Orléans em 1877, faleceu em 1958. Membro da Academia de Ciências, professor da Universidade de Grenoble (Sabóia francesa, Alpes ocidentais), permaneceu algum tempo na América do Norte, onde lecionou na Harvard University. Salvo uma exceção — o volume sobre a *Asie Occidentale* (1929), tomo VIII da "Geografia Universal" de LA BLACHE e GALLOIS, as outras principais obras que publicou refletem suas preferências: *Les Alpes Occidentales*, quatro tomos em sete volumes, publicados entre 1938 e 1945; *Les Alpes françaises* (1947); *Géographie de l'Europe* (1936); *L'Est du Canada français* (1935); *Estados Unidos, Canadá y Alaska* (edição castelhana, Barcelona, 1944). Todavia, iniciou sua carreira estudando a região de *Flandres*, assunto da tese de Doutorado publicada em 1906.

LUCIEN FEBVRE, inegavelmente, foi mais historiador do que geógrafo; faleceu em 1956, aos 78 anos de idade. Três fatos, porém, marcaram sua presença na evolução da Geografia francesa: uma notável obra, logo tornada clássica — *La Terre et l'évolution humaine* (1922); a publicação de *Le Rhin — Problèmes de Histoire et d'Économie* (1935), em colaboração com ALBERT DEMANGEON, obra lançada ao público nas ante-vésperas da eclosão da Segunda Guerra Mundial; e o nome de *Possibilismo*, dado à doutrina de VIDAL DE LA BLACHE, em contraposição ao *Determinismo* de FRIEDRICH RATZEL.

JULES SION iniciou sua carreira com dois estudos: o mais importante intitulou-se *Les Paysans de la Normandie orientale*, tese de Doutorado; o segundo, tese complementar, denominado *Le Var supérieur*, referente a pequeno rio do sul da França, nos Alpes marítimos. Outras, porém, foram as obras que lhe deram maior fama: *Asie des Moussons* (1928), dois volumes do tomo IX da "Geografia Universal" de LA BLACHE e GALLOIS; *Italie e Pays Balkaniques*, este último em colaboração com Y. CHATAIGNEAU, ambos integrantes do tomo VII (segunda parte) — *Méditerranée — Peninsules méditerranéennes* (1934) da tantas vezes citada "Geografia Universal" de LA BLACHE e GALLOIS; e, finalmente, *La France méditerranéenne* (1934).

CAMILLE VALLAUX constituiu um caso bastante especial. Em 1900, por indicação de VIDAL DE LA BLACHE, ligou-se por dez anos à *Escola Naval* de Brest — daí resultando seu amor à Geografia dos mares e a publicação de várias obras, direta ou indiretamente ligadas ao assunto: *La Basse Bretagne — Etude de géographie humaine* (1907); *L'Archipel de la Manche* (1913); *Sur les côtes de Norvège* (1923); *Mers et Océans* (1932); e, notadamente, a importante *Géographie Générale des Mers* (1933), volume de quase 800 páginas. Mas sua multiforme curiosidade também voltou-se para a Geografia Social (teria sido discípulo de LEPLAY? companheiro de DEMOLINS?) e para a Geografia Política, de que são testemunhos pelo menos três livros: *Géographie Sociale — La Mer* (1908), *Géographie Sociale — Le Sol et l'État* (1911); e, a melhor desta série, *Géographie de l'Histoire — Géographie de la Paix et de la Guerre sur terre et sur mer* (1921). Como desejasse dar a público o resultado de tão variadas experiências, CAMILLE VALLAUX legou-nos a mais filosófica de suas obras — *Les Sciences Géographiques*, lançada em 1925, com edição definitiva em 1929. Na primeira parte, estuda a Geografia como ciência autônoma, abordando temas como Geografia utilitária e explicativa, a superfície terrestre comparada a um organismo, as paisagens geográficas, as relações da Geologia com a Geografia Física, ordens de grandeza e agrupamentos regionais, fatos de massa em Geografia Humana, conexões cósmicas e outros temas. Na segunda parte, focaliza “as geografias como ciências auxiliares”, isto é, o elemento geográfico nas ciências da Natureza e do Homem, a Geografia das ciências inorgânicas, a Geografia Biológica, a Geografia Histórica, a Geografia Sociológica. Este livro foi, sem dúvida, a obra-prima do Mestre.

MAXIMILIEN SORRE foi o último grande geógrafo da *Geração dos Anos Setenta*. Nasceu em 1880 e faleceu em 1962, aos 82 anos de idade. Tinha baixa estatura, fartos bigodes brancos, sempre irrequieto, ativo e forte mesmo quando já octogenário, de irradiante simpatia. Quando cercado pelos seus sinceros admiradores — discípulos e professores da nova geração, alunos da Universidade, que o acumulavam com o carinho e o respeito a que tinha pleno direito — fazia lembrar um Sol circundado por vasto sistema planetário. Era o Mestre de todos, de toda uma geração de geógrafos da primeira metade do século XX.

Sua primeira grande obra intitulou-se *Les Pyrénées méditerranéennes — Etude de géographie biologique* (1913). Engajara-se no grupo selecionado de colaboradores de VIDAL DE LA BLACHE, daí resultando: *México — Amérique Centrale* (1928), tomo XIV da “Geografia Universal”; e *Espagne et Portugal* (1934), primeira parte

do tomo VII, referente ao Mediterrâneo e às penínsulas mediterrâneas, da mesma "Geografia Universal". Em 1946, publicou *Les Pyrénées*.

Todavia, a obra-mestra de MAXIMILIEN SORRE, coroamento de toda uma vida dedicada à Geografia, intitulou-se *Les Fondements de la Géographie Humaine*, por muitos considerada verdadeiramente "revolucionária" no campo da Geografia de então. Seus quatro volumes foram publicados entre 1943 e 1952.

O volume I focalizou os *Fundamentos Biológicos*: o clima, os elementos do clima e as funções orgânicas, a formação do ecúmeno, as associações humanas, as espécies selvagens e as cultivadas, a manutenção e equilíbrio das associações humanas, as necessidades do organismos e o meio vivo, Geografia dos regimes alimentares, os complexos patogênicos, a Geografia Médica e o ecúmeno — temas dos mais audaciosos para a Geografia da época.

Os dois volumes seguintes focalizaram os *Fundamentos Técnicos* da Geografia Humana.

O volume II abordou: a *Vida Social* — técnicas sociais, grupos anteriores ao Estado moderno, Nações e Estados, estruturas políticas e econômicas, os Impérios; a *Geografia da Energia* — os motores animados, o trabalho humano, fontes naturais de energia, primeiras formas de energia natural, os progressos técnicos e a Geografia da Energia; e a *Conquista do espaço*: princípios gerais, circulação continental, circulação oceânica, circulação aérea, o transporte do pensamento, a rede universal, as regiões da circulação, os efeitos geográficos sobre a circulação.

O volume III tratou da *Produção e Transformação das matérias-primas*: a exploração do reino animal, as técnicas de exploração do solo, técnicas da água e da fertilidade dos solos, os sistemas agropecuários e seus produtos, as matérias-primas de origem mineral, as criações do Homem em relação às matérias-primas, a transformação das matérias-primas e as necessidades essenciais (alimentação, abrigo, geografia dos têxteis, indústrias de equipamentos).

O volume IV, que encerra a grande obra, focalizou o *Habitat*: noções de gêneros de vida, habitat rural (problemas, fatos, teoria), a habitação rural e a Ecologia rural, do habitat rural ao habitat urbano, o desenvolvimento urbano, as funções urbanas, paisagem e vida das cidades, metrópoles, estrutura das grandes cidades, população das grandes cidades, o meio urbano, as cidades e os campos.

Chegamos ao término da luminosa caminhada, que nos fez acompanhar os principais geógrafos da *Geração dos Anos Setenta*.

Privilegiada geração essa, cujos representantes nasceram em torno da década de 1870 e que, em sua maioria, foram homens de veneranda longevidade — septuagenários e octogenários quase todos — e que encheram com as luzes de seu saber e os exemplos de suas virtudes a primeira metade do século XX.

Luminosa geração, cujos reflexos chegaram até o Brasil, notadamente por discípulos verdadeiramente à altura dos Mestres que tiveram — PIERRE DEFFONTAINES, PIERRE MONBEIG, FRANCIS RUELLAN, ROGER DION, PIERRE GOUROU, LOUIS PAPY.

Gloriosa geração que modelou os responsáveis pela fundação e sobrevivência da *Associação dos Geógrafos Brasileiros* e formou os membros da chamada *Escola Paulista de Geografia*.

O presente trabalho representa modesta homenagem a esses Mestres, que aqui plantaram um facho de luz que jamais se apagará.

Tábua Cronológica

1806-1882	— FRÉDÉRIC LEPLAY
1830-1905	— ÉLISÉE RECLUS
1839-1908	— ALBERT DE LAPPARENT
1842-1925	— CAMILLE FLAMMARION
1845-1918	— PAUL VIDAL DE LA BLACHE
1869-1930	— JEAN BRUNHES
1872-1940	— ALBERT DEMANGEON
1873-1955	— EMMANUEL DE MARTONNE
1877-1958	— RAOUL BLANCHARD
1877-1962	— HENRI BAULIG
1878-1956	— LUCIEN FEBVRE
1880-1962	— MAXIMILIEN SORRE
1894-	— PIERRE DEFFONTAINES
1894-	— FRANCIS RUELLAN
1908-	— PIERRE MONBEIG



Prof. Dr. Aroldo de Azevedo

* 3 de março de 1910

† 4 de outubro de 1974
